

## **BAIRRO SANTA TEREZA: UMA HISTÓRIA LASTREADA NA DOCUMENTAÇÃO DE DIFERENTES INSTITUIÇÕES DE BELO HORIZONTE**

### ***SANTA TEREZA NEIGHBORHOOD: A HISTORY BASED ON DOCUMENTS FROM DIFFERENT INSTITUTIONS IN BELO HORIZONTE***

Maria Letícia Silva Ticle<sup>31</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo é uma apresentação do estado da arte relativo ao bairro Santa Tereza, na cidade de Belo Horizonte. Trata-se de uma possível escrita de sua história, aqui apresentada com um recorte temporal que vai dos últimos anos do século XIX até 1996, quando o bairro se tornou uma Área de Diretrizes Especiais. São colocadas, ainda, as principais características atribuídas ao bairro observadas nas diferentes tipologias de fontes consultadas, quais sejam tradicional, cultural e boêmia. Sinaliza-se a necessidade de pesquisar a fundo tais atribuições, a fim de compreender a relação das pessoas com o bairro e sua relação com a cidade. Além de pesquisa bibliográfica, foi fundamental para a escrita do artigo a pesquisa documental nas instituições de guarda de acervo da capital mineira, com o intuito de lastrear o processo de escrita da história do bairro.

**PALAVRAS-CHAVE** Santa Tereza. Belo Horizonte. Arquivos

#### **ABSTRACT**

This article is about Santa Tereza neighborhood in Belo Horizonte. It is intended to be one of its possible histories, from the late 19th century until 1996, when the neighborhood was given a special treatment on the municipal legislation. Three features of Santa Tereza are presented here, traditional, cultural and bohemian. The research about these features is urgent in so to understand the relation between people and the neighborhood and between Santa Tereza and Belo Horizonte. The documental research was fundamental to this article in order to define the process of writing its history.

**KEY-WORDS** Santa Tereza. Belo Horizonte. Archives.

#### **Introdução**

O presente artigo é parte do relatório de qualificação de mestrado da autora e de sua dissertação. Ele é resultado do estabelecimento do estado da arte acerca do bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, a partir de referências bibliográficas e de pesquisa documental em instituições da capital, a saber: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) Arquivo Público Mineiro (APM), Museu Histórico Abílio Barreto, seção Coleções Especiais (MHAB) e Diretoria de Patrimônio Cultural da Fundação Municipal de Cultura (DIPC-FMC).

---

<sup>31</sup> Mestranda em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais; graduada em História nas modalidades Licenciatura e Bacharelado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da mesma instituição. Historiadora, pesquisadora e professora voluntária do Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura da EA/UFMG no curso de Design. leticiaticle@gmail.com

Seu objetivo é apresentar um panorama geral da história do bairro, expondo seu processo de ocupação, crescimento e relação com o restante da cidade. O recorte temporal vai do surgimento do bairro, entre os anos de 1896 e 1898, até sua inclusão como Área de Diretrizes Especiais, em 1996. O período posterior é compreendido como sendo mais específico, no qual é desenvolvida e se estabelece uma visão sobre o bairro como patrimônio cultural da cidade. A análise crítica desse momento foi excluída do presente artigo por sua dimensão, que extrapolaria os limites da publicação. No entanto, a utilização de fontes é contínua e as análises poderão ser apreciadas no conjunto de produções da autora e ainda após a conclusão de sua dissertação de mestrado.

A pesquisa documental é também chamada de pesquisa por documentação primária ou fontes primárias sobre o objeto, como matérias e reportagens de jornais e revistas, legislação e regulamentação urbana, fotografias, cartografia, relatórios de prefeitos, dossiês de tombamento, pareceres técnicos. Além dessas, a produção de fontes tem se mostrado essencial na construção do trabalho – participação e observação no bairro, entrevistas e conversas com moradores, frequentadores, usuários e grupos sociais estão sendo feitas com o intuito de completar as lacunas que por muitas vezes são deixadas quando a pesquisa se atém apenas às fontes arquivísticas.

Foi essencial considerar a diversidade e a possibilidade do entrecruzamento dessas fontes de diferentes naturezas. Esse processo permite ir além do entendimento da ocupação e desenvolvimento oficiais do território, possibilita perceber várias maneiras de como é construída a relação das pessoas com o espaço.

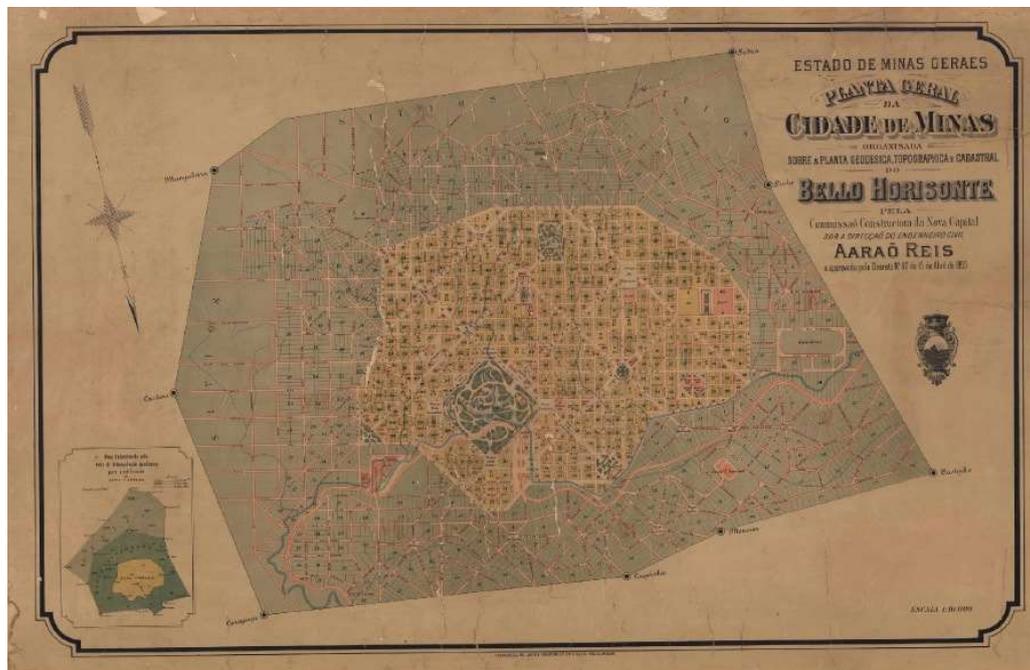
## **Bairro Santa Tereza**

### **Origens da ocupação e delimitação do bairro**

Para falar sobre o bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, é indispensável que se faça uma breve exposição sobre os primeiros momentos da história da cidade. Determinada para ser construída onde antes havia um pequeno povoamento de nome Curral Del Rey, Belo Horizonte foi planejada por uma Comissão Construtora chefiada pelo engenheiro Aarão Reis. Tendo sua planta aprovada em 1895, a nova capital de Minas Gerais, então chamada Cidade de Minas, seria dividida em área urbana, com ruas largas e cruzadas em ângulos retos, cortadas em ângulos de 45° por algumas avenidas, circundada pela Avenida 17 de Dezembro, atual Avenida do Contorno; seções suburbanas em volta dessa mesma avenida, cujo projeto contava com ruas irregulares,

mas traçadas e, muitas delas, nomeadas; e área rural, para abrigar sítios produtores agrícolas, chamados também de colônias, responsáveis pelo abastecimento da cidade.

**Figura 1** – Planta Geral da Cidade de Minas - 1895



Fonte: Arquivo Público Mineiro.<sup>33</sup>

A ocupação dessas colônias remonta a alguns anos antes mesmo da mudança e construção da nova capital. A vinda de imigrantes para o estado de Minas Gerais com o intuito de trabalhar preferencialmente na agricultura, foi incentivada e legislada pelo então presidente do estado, Affonso Augusto Moreira Penna, em 1892<sup>34</sup>. No mesmo ano, a seção especial de terras e colonização foi criada na Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas<sup>35</sup>. O incentivo consistia na indenização pela passagem da Europa para o Brasil, desde que o imigrante se estabelecesse e permanecesse por, no mínimo, quatro meses em Minas Gerais; na facilitação de aquisição de terras ou mesmo concessão gratuita, desde que respeitando as disposições da lei; no auxílio à introdução de novas culturas agrícolas, dentre outras.

<sup>33</sup> Disponível em: [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes\\_formatos\\_docs/viewcat.php?cid=107](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/viewcat.php?cid=107). Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>34</sup> Lei n. 32, de 18 de junho (sic-julho) de 1892. Autoriza o presidente do Estado a promover imigração de trabalhadores mediante a concessão de diversos favores. Fonte: Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais em 1892. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1893. Acervo do APCBH.

<sup>35</sup> Lei n. 27, de 25 de junho de 1892. Approva o regulamento dos nucleos coloniaes, creados pela lei n. 150 de 20 de julho de 1896. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais em 1892. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1893. Acervo do APCBH.

Já no ano seguinte à aprovação da planta da nova capital do estado de Minas Gerais, por meio da Lei nº 150, de 20 de julho de 1896, o governador do estado, Crispim Jacques Bias Fortes, aprovou a instalação de seis colônias agrícolas às margens da cidade, que poderiam ocupar também parcelas das seções suburbanas. Assim, nos locais onde foram instaladas colônias, as plantas das regiões suburbanas foram alteradas nas regiões ocupadas por partes dos núcleos. Segundo a lei, os lotes dos núcleos eram “destinados a imigrantes do norte da Itália, alemães ou portugueses insulares, agricultores de profissão, laboriosos e morigerados, (...) acompanhados das respectivas famílias.”<sup>36</sup>. Somente no ano de 1899 foi aprovado pelo governo do estado o regulamento desses seis núcleos coloniais, que seriam subordinadas ao próprio governo do estado por execução da Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas<sup>37</sup>.

Entre os núcleos, estabeleceu-se em 1898 a Colônia Ribeirão da Matta (ou Córrego da Matta), posteriormente chamada Américo Werneck<sup>38</sup>, na região leste da cidade. A ocupação daria origem aos atuais bairros da Graça, Horto, Floresta, Sagrada Família e Santa Tereza, este compreendido na 7ª seção suburbana. Segundo o jornalista Luis Góes<sup>39</sup>, estudioso e antigo morador de Santa Tereza, para compreender a origem do bairro “interessam os lotes compreendidos entre as ruas Pouso Alegre, Salinas, Capitão Bragança e Avenida Flávio dos Santos. Desta forma, parte do que seria Santa Tereza, em 1898, tem outro mapa (...). ” (GÓES, s.d., p. 6).

Atualmente, o bairro está localizado na Regional Administrativa Leste de Belo Horizonte, região composta por bairros que têm suas origens nas ocupações mais antigas da capital, como exposto acima. De acordo com o mapa da PRODABEL de 2010, o Santa Tereza é circundado mais a oeste pela Avenida do Contorno, ao sul e ao leste pela Avenida dos Andradas e ao norte pela Rua Pouso Alegre.

---

<sup>36</sup> Lei nº 150 de 20 de julho de 1896. Autoriza o Governo, por conta do crédito do art. 6.º da lei n.º 32 de 18 de julho de 1892, a estabelecer seis "núcleos coloniais" à margem das estradas de ferro, nos pontos julgados mais convenientes a juízo do Governo, e contém outras disposições. Fonte: Livro da Lei Mineira, 20/07/1896. Acervo da Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LEI&num=150&comp=&ano=1896>. Acesso em: 28/07/2015.

<sup>37</sup> Decreto n. 1.258, de 21 de fevereiro de 1899. Aprova o regulamento dos nucleos colniaes, creados pela lei n. 150 de 20 de julho de 1896. Fonte: Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais-1899. Cidade de Minas: Imprensa Official de Minas Gerais, 1900. Acervo do APCBH.

<sup>38</sup> “Foi este nucleo [Americo Werneck] criado igualmente em 1898.” Fonte: Relatório da Diretoria de Agricultura, terras e colonização, 1906. p. 233. Fundo Secretaria da Agricultura, rolo 05, APM.

<sup>39</sup> GÓES, [s.d.]



atmosfera” do bairro na região do Alto dos Piolhos ou nos arredores do antigo Mercado Distrital<sup>43</sup>.

Para José Tavares Correia Lira (2014),

(...) bairro continua a ser aquela parte ou divisão costumeira da cidade. É a referência a ele que fornece ao cidadão seu endereço e sentimento de pertença – e até mesmo de bairrismo, como expressão de autoestima ou de um espírito de exclusividade e recesso (...) (LIRA, 2014, p. 86)<sup>44</sup>

Portanto, é inútil tentar impor aos moradores, frequentadores e usuários do bairro limites administrativos, assim como é impossível se esquivar completamente deles. No verbete *bairro* escrito pelo autor, na obra organizada por Christian Topalov, Stella Bresciani, Laurent Coudroy de Lille e Hélène Rivière D'Arc (2014), ele afirma ainda que um bairro se define por suas particularidades sociais, étnicas, religiosas ou econômicas para além de funções estabelecidas. Ele nos apresenta diversas origens da palavra, como militar, religiosa, exclusão social proposital ou relacionada ao posicionamento de um aglomerado de casas em relação ao muro da cidade.

Considerando, então, a delimitação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, a percepção de moradores e frequentadores, a percepção da autora e ainda os limites do recém-criado Conjunto Urbano Bairro Santa Tereza<sup>45</sup> (Fig. 3), será considerado para o presente artigo o seguinte perímetro do bairro Santa Tereza: ao sul e ao leste a linha férrea, praticamente coincidente com grande parte da Rua Conselheiro Rocha, ao norte a porção superior da Rua Pouso Alegre e a oeste a Avenida do Contorno.

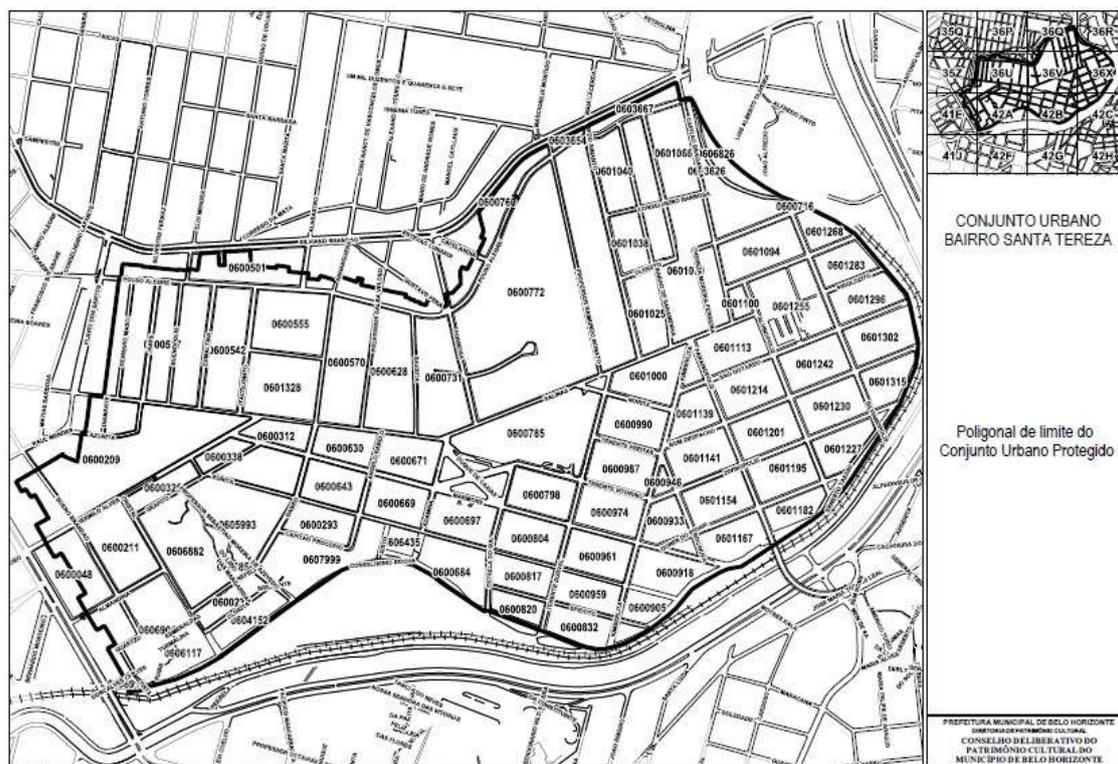
---

<sup>43</sup> Cláudio Procópio, morador e frequentador dos bares do bairro. Entrevista concedida em outubro de 2014.

<sup>44</sup> LIRA, J. T. C. Bairro. In: Christian Topalov; Stella Bresciani; Laurent Coudroy de Lille; Hélène Rivière D'Arc. (Org.). A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades. 1ed. São Paulo: Romano Guerra, 2014, p. 85-100.

<sup>45</sup> O tema da proteção do Conjunto Urbano Bairro Santa Tereza será tratado adiante.

**Figura 3 –** Poligonal de proteção do Conjunto Urbano Santa Tereza



**Fonte:** Deliberação Nº 019/2015. Anexo i - Poligonal de Tombamento. Diário Oficial do Município: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2015.

Independente das definições de seus logradouros perimetrais, fato é que o bairro possui relativo isolamento geográfico como forte característica, por abrigar uma colina cercada pelo Córrego da Mata e pelo Ribeirão Arrudas. Seu isolamento natural foi ainda intensificado pela presença da linha de trem e pelos acessos ao bairro limitados por algumas vias específicas. As poucas opções de transporte público também contribuíram para que o isolamento se mantivesse por muitos anos – o bonde avançou até a Rua Mármore somente em 1926, a estação de metrô foi implantada na década de 1990 e ainda hoje há apenas duas linhas de ônibus que atendem ao bairro. (BAGGIO, 2005) <sup>46</sup>

### **Da Colônia Agrícola à consolidação do bairro Santa Tereza**

Retomando a fase inicial da Colônia Agrícola Américo Werneck e os primeiros anos do bairro já com a denominação de Santa Tereza, é possível estabelecer alguns

<sup>46</sup> BAGGIO, Ulysses da Cunha. *A Luminosidade do Lugar: Circunscrições Intersticiais do Uso de Espaço em Belo Horizonte: apropriação e territorialidade em Santa Tereza*. 2005. 221f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

marcos arquitetônicos que distinguem temporalidades da história do bairro. São eles o Hospital de Isolamento, entre os anos de 1910/11 até 1965, substituído pelo Mercado Distrital em 1970; a Hospedaria de Imigrantes, entre 1914 e 1918, quando de sua primeira adaptação e posterior expansão para receber forças militares, que também foram substituídas pelo Colégio Tiradentes em 1964; a Praça Duque de Caxias, inaugurada em 1937.

Relativo ao Hospital de Isolamento, o Dr. Zoroastro Rodrigues de Alvarenga, em relatório da Diretoria de Higiene referente ao ano de 1910 e publicado em 1911<sup>47</sup>, dá o seguinte depoimento:

Os primeiros doentes de moléstia transmissível, que à Directoria de Hygiene coube isolar, foram removidos para uma velha habitação no bairro do Cardoso. As condições desse isolamento eram de tal sorte inaceitável, que tive de transferir delle para o hospital recentemente construído e ainda sem mobiliario e sem luz, uma mulher acometida de varíola. Isso se deu no mez de setembro. Nenhuma interferência teve a Directoria de Hygiene na construcção do Hospital de Isolamento, que lhe foi entregue quasi acabado. Devidamente autorizado, encomendei da America do Norte o mobiliario destinado a esse hospital e que deve estar a chegar no porto do Rio de Janeiro. (DIRECTORIA DE HYGIENE, 1911, p. 13)

No item “Lazareto do Cardoso” do mesmo relatório, o médico continua: “No dia seguinte tive que transferi-la para o novo Hospital de Isolamento, ainda não acabado e vazio de mobiliario, taes as más condições do lazareto velho.” (DIRECTORIA DE HYGIENE, 1911, p. 24). O relatório deixa claro que havia na localidade uma antiga construção que servia de abrigo para pacientes de doenças infectocontagiosas, o Lazareto do Cardoso. No entanto, as condições eram tão precárias que o Hospital de Isolamento foi construído próximo da antiga construção. Aspectos que contribuíram para a manutenção desse tipo de instituição na região foram a relativa distância do centro da cidade e ao baixo adensamento populacional da área na primeira década do século XX. Essas características foram indicadas por Oswaldo Cruz e coincidiram com as do bairro, conhecido à época como Cardoso<sup>48</sup>. Outros motivos citados foram a proximidade com a linha férrea, facilitando o acesso dos pacientes de Belo Horizonte e de outras cidades do estado, o tamanho do terreno, que permitiu o plantio de árvores em

<sup>47</sup> Directoria de Hygiene. Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro Secretario de Estado dos Negócios do Interior pelo Dr. Zoroastro Rodrigues de Alvarenga – Diretor Geral de Hygiene. Anno de 1910. Belo Horizonte, Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1911. Acervo do APM.

<sup>48</sup> FIGUEIREDO, Betânia G.; MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline T (orgs). *História da Saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri: Minha Editora, 2011. p. 35. A região era conhecida como Cardoso ou Bairro do Cardoso devido à proximidade com o Córrego do Cardoso.

uma área já bastante vegetada e próxima ao Ribeirão Arrudas, aspectos decisivos para o bom clima necessário aos pacientes em tratamento.

Com sua construção iniciada em 1910 e já funcionando em 1911, o Hospital de Isolamento, posteriormente chamado Cícero Ferreira, passou a funcionar sob a administração da Diretoria de Higiene em 1912. Localizava-se onde hoje está a construção do Mercado Distrital de Santa Tereza (desativado) e a Escola Estadual Pedro Américo. Segundo Góes (2014), muitas pessoas que não viviam por ali tinham certo receio em circular a pé ou mesmo utilizar os meios de transporte que atendiam ao bairro e às imediações do Hospital por causa dos pacientes que eram internados – pessoas em tratamentos psiquiátricos ou de doenças infectocontagiosas, como varíola, tuberculose e outros problemas respiratórios. Muitos moradores também se sentiam incomodados com o hospital, que funcionou entre as ruas São Gotardo, Pirite, Silvianópolis e Alvinópolis durante cinquenta e cinco anos, até ser transferido para a região hospitalar de Belo Horizonte, na porção central da cidade.

**Figura 4** – Hospital Cícero Ferreira



**Fonte:** Museu Histórico Abílio Barreto, 1947.

O decreto municipal de 05 de fevereiro de 1912<sup>49</sup> oficializou a emancipação da Colônia Agrícola Américo Werneck e a incluiu na sétima seção suburbana de Belo Horizonte, o que incluía a área que viria a se tornar o bairro Santa Tereza, como

<sup>49</sup> Lei nº 55, de 05 de dezembro de 1912. Incorpora à zona suburbana da Capital o povoado do Calafate e as colônias Bías Fortes, Américo Werneck, Carlos Prates e Adalberto Ferraz e dá outras providências a respeito. Fonte: Coleção de Leis do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte (de fevereiro a dezembro de 1912, ns 54 a 62). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1912. Acervo do APCBH.

explicitado anteriormente. A ex-colônia passou a ficar, então, sob jurisdição da capital do estado. Essa nova ordem implicou normas e regulamentos para controlar sua ocupação, ficando sob a responsabilidade do município a urbanização da área.

Nesse período foi implantado ali o galpão do Centro de Imigração da Capital, com a função de estimular a vinda, receber e regularizar imigrantes europeus que aqui chegariam para trabalhar. Segundo o relatório da Diretoria de Agricultura, terras e colonização publicado em 1913:

É facto que, de tempos para cá, nenhuma corrente de immigrants, expontânea ou subvencionada, tem se encaminhado para o Estado, quando é certo que existe, como os Estados de S. Paulo, Paraná, etc., oferecem vantagens incontestáveis àquelles que buscam colocação e trabalho fora da terra natal. Para estabelecer essa corrente e facilitar a introdução, já está contractada a construção de uma hospedaria nesta Capital, predio que deverá ficar concluído dentro de dez mezes. [...] Concluída a Hospedaria, funcionaria junto dela a Agencia de Collocação. (APM, 1913)<sup>50</sup>

A edificação definitiva da Hospedaria dos Imigrantes só ficaria pronta em 1914, nas imediações de onde está hoje a Praça Duque de Caxias. Habitavam a região italianos, portugueses e espanhóis, além de migrantes brasileiros, sendo que boa parte desses trabalhadores fixou residência nas imediações do Centro de Imigração. Aos poucos, comerciantes também se instalaram ali, fomentando a movimentação e a crescente ocupação da área, que ficou conhecida por muitos anos como *Imigração* (BAGGIO, 2005).

Como não houve aumento significativo do fluxo migratório, o prédio da Hospedaria dos Imigrantes foi adaptado em 1918 para receber a 59ª Companhia de Caçadores do Exército Brasileiro. Em 1924, nova expansão foi feita para receber o 5º Batalhão da Força Pública Mineira que, posteriormente, foi substituído pelo Colégio Tiradentes da Polícia Militar de Minas Gerais. (BAGGIO, 2005) Segundo Vera Westin (1998), a forte presença dos militares foi essencial para que as famílias se fixassem na área, atraindo assim mais comerciantes e outros prestadores de serviço que ajudaram a povoar o bairro<sup>51</sup>. A região havia abrigado desde 1896 a 9ª Companhia de Ouro Preto, transferida de lá para a nova capital ainda em construção, marcando a região pela presença militar até os dias de hoje.

<sup>50</sup> Relatório da Diretoria de Agricultura, terras e colonização, 1913, p.8. Fundo Secretaria da Agricultura, rolo 10, APM.

<sup>51</sup> WESTIN, Vera Lúcia Costa. *Santa Tereza na construção cotidiana da diferença*. 1998. 145f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

**Figura 5 – Quartel do 5º Batalhão da Força Pública.**



**Fonte:** Museu Histórico Abílio Barreto, 1945/1950

Em princípios da década de 1920, houve crescimento e consolidação da área, com abertura de ruas e quarteirões nas regiões da ex-colônia Américo Werneck e do antigo bairro da Imigração<sup>52</sup>. Não se pode deixar de falar do “prolongamento da linha da Floresta pela Avenida do Contorno, até o cruzamento da Rua Hermillo Alves” em 1923, principal acesso ao que seria o bairro Santa Tereza. (BELO HORIZONTE, 1924, p. 53).<sup>53</sup> Em 1926, já com o nome de “Avenida do Contorno, a linha foi estendida até a Rua Mármore, ainda hoje uma das principais vias do bairro. Uma nota no jornal Estado de Minas do ano de 1928 traz a informação de que os moradores do entorno do 5º Batalhão da Força Pública pediram a mudança no nome da linha do bonde que chegava até a Rua Mármore de “Avenida do Contorno” para “Santa Thereza.”<sup>54</sup> As referências a partir de então fazem alusão à região como Bairro Santa Tereza.

Na literatura sobre o bairro, foram encontradas duas versões para a escolha de seu nome. Segundo Ulysses Baggio (2005), a designação por reivindicação dos moradores teria sido uma sugestão do Capitão José Pinto de Souza, do 5º Batalhão da Força Pública. A escolha estaria ligada a coincidências com o bairro Santa Teresa, no Rio de Janeiro, devido à localização geográfica elevada de ambos e também ao acesso

<sup>52</sup> Segundo Relatórios apresentados ao Conselho Deliberativo pelo prefeito Flavio Fernandes dos Santos. Prefeitura de Belo Horizonte, setembro de 1923 e setembro de 1924. Acervo do APCBH.

<sup>53</sup> Relatório apresentado ao Conselho Deliberativo pelo prefeito Flavio Fernandes dos Santos. Prefeitura de Belo Horizonte, setembro de 1924. Acervo do APCBH.

<sup>54</sup> “O Bond Avenida do Contorno passa a chamar-se Santa Thereza”. Jornal Estado de Minas, 31/03/1928 *apud* GÓES, 2014.

aos bairros feito por bonde. Flávia Possato (2009)<sup>55</sup> confere à chegada da imagem de Santa Teresa D'Ávila para a criação da paróquia a escolha pelo nome.

A igreja matriz da paróquia de Santa Teresa e Santa Teresinha teve sua construção iniciada em 1931 no largo onde já se encontrava o antigo Batalhão da Força Pública, defronte a este, tendo sido concluída e inaugurada cerca de trinta anos depois, em 1962.

**Figura 6** - Igreja Matriz da Paróquia de Santa Teresa e Santa Teresinha



**Fonte:** Acervo pessoal, 2014.

O perfil dos moradores do bairro foi sendo reafirmado, que contava com imigrantes e suas famílias, pequenos comerciantes que se instalaram ali e militares. No relatório de 1922/1923, o prefeito Flavio Fernandes dos Santos afirma que “lotes tem sido concedidos gratuitamente, e alienados a funcionários e empregados estadoaes e federaes, a officiaes e praças da Força Pública, e a operários (...) (BELO HORIZONTE, 1923, p. 10)”.

Segundo Baggio (2005), o bairro já era considerado populoso nos anos 1930, mas poucas de suas ruas eram pavimentadas e serviços urbanos como energia elétrica, rede de água e esgoto, coleta de lixo e transporte público eram escassos. Apesar de constantes reclamações dos moradores, essa situação manteve-se praticamente

<sup>55</sup> POSSATO, Flávia Mosqueira. *Reconhecer para valorizar: Patrimônio Cultural do Bairro Santa Tereza*. 2009. 83f. Monografia (especialização) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

inalterada até a década de 1970. Intervenções de calçamento e iluminação pública principalmente em fins dos anos 1930 e nos anos 1940 foram executadas. Exemplo disso é a Praça Duque de Caxias, demanda dos moradores, que foi inaugurada em 1937 com o nome de Praça de Santa Thereza pelo prefeito Otacílio Negrão de Lima.<sup>56</sup> No mesmo ano, são apresentados pelo prefeito como parte das inaugurações da cidade os serviços finais de pavimentação das ruas do bairro.

**Figura 7** – Praça Duque de Caxias



**Fonte:** Acervo pessoal, 2014.

A partir da década de 1930, o bairro alcançou alguma notoriedade na cidade devido a elogios em jornais e folhetins “Santa Thereza é o novo subúrbio que surge, exuberante de vida social e commercial, attestando os esforços de seus diligentes moradores, confortados pelo apoio material e moral das auctoridades municipaes e estaduaes.”<sup>57</sup>. A matéria continua tecendo elogios à região onde o bairro foi implantado, à presença do bonde, ao progresso, ao seu comércio e suas construções.

Os reais problemas de infraestrutura não se mostraram como impedimento para o crescimento populacional do bairro e do número de pequenos estabelecimentos, como

<sup>56</sup> Relatório de 1937. Apresentado a S. Excia. O Sr. Governador Benedicto Valladares Ribeiro pelo Prefeito de Bello Horizonte. Graphica Queiroz Breyner Ltda.

<sup>57</sup> “OS BAIRROS NOVOS”. Jornal Estado de Minas. 31/03/1928 *apud* GÓES, 2014.

tinturarias, armazéns de secos e molhados, restaurantes e botequins<sup>58</sup>. Apesar dessa grande oferta de comércio e serviços, o bairro Santa Tereza manteve o uso predominantemente residencial ao longo do século XX e até os dias de hoje. A maioria das construções até finais da década de 1940 eram residenciais, casas de um ou dois pavimentos, de arquitetura simples, porém buscando seguir os estilos vigentes de cada década – há no bairro exemplares dos estilos Eclético e Art Déco, principalmente. (Fig. 8). Geralmente, com portas e janelas voltadas para a rua, as casas eram construídas ocupando uma pequena porção do lote, ficando o restante como quintal ou disponível para a construção de um barracão ou pequeno galpão.

A partir dos 1950, começam a surgir os pequenos edifícios multifamiliares, com grande oferta de lotes e aquecimento do mercado imobiliário, fase pela qual a cidade de Belo Horizonte como um todo estava passando. Já na década de 1980, os conjuntos habitacionais de pequeno porte também passam a fazer parte dos empreendimentos imobiliários presentes em Santa Tereza. Relativamente às obras urbanas, em 1992 foi construído o viaduto José Maria Torres Leal, que liga os bairros Santa Tereza e Santa Efigênia, e em 1994 a estação de metrô entrou em funcionamento. Ao longo dos anos 1990, essas mudanças começam a ser percebidas pelos moradores e usuários do bairro em seu cotidiano e estilo de vida. (BAGGIO, 2005)

A crescente densificação da área construída e o aumento populacional podem ser considerados responsáveis por algumas consequências diretas para o bairro, como o recrudescimento do tráfego de veículos e circulação de pessoas. Seus dois novos acessos alteraram significativamente, embora não de maneira definitiva, a paisagem do bairro – seu relativo isolamento geográfico, uma das particularidades do Santa Tereza, foi reduzido, possibilitando que agora o bairro se tornasse também um lugar de passagem e não apenas o destino final das pessoas. Teve princípio, então, um processo de mudanças, ora sutis, ora fortemente perceptíveis, da paisagem do bairro Santa Tereza – sons e imagens característicos, usos tradicionais de espaços, práticas cotidianas e relações entre moradores, ritmo e velocidade da vida.

Segundo estudos de Souza, Cajazeiro e Soares (2012)<sup>59</sup>, o mercado imobiliário voltou-se com certa intensidade para Santa Tereza, bairro pericentral que até então

<sup>58</sup> Crescimento, pois desde o período da Colônia de imigrantes a região contava com pelo menos cinco estabelecimentos comerciais, que vendiam produtos variados. (GÓES, [s.d.], p.75)

<sup>59</sup> SOUZA, Françoise Jean de Oliveira; CAJAZEIRO, Karime Gonçalves. A singularidade do lugar: a construção de um discurso identitário para o bairro Santa Tereza.

havia sido relativamente pouco explorado pelo segmento. Os dois novos acessos também exerceram papel importante para ampliar as negociações imobiliárias, se mostraram essenciais nesse momento de exploração do bairro pelo setor. As pressões do mercado culminaram com a inclusão do Santa Tereza como Zona de Adensamento Preferencial (ZAP) nos estudos que estavam sendo conduzidos para a elaboração de um novo Plano Diretor do município de Belo Horizonte.

A concomitante proximidade de Santa Tereza ao Centro, à região hospitalar e à Savassi (áreas já saturadas), tornou-o um espaço bastante vulnerável aos interesses do capital imobiliário, vulnerabilidade reforçada com a sua classificação de ZAP (Zona de Adensamento Preferencial) proposta inicialmente pelo Plano Diretor. (BAGGIO, 2005, p. 153)

Moradores e frequentadores do bairro perceberam o quanto as transformações urbanas e o interesse do mercado imobiliário alterariam profundamente a vida e as especificidades do lugar, a paisagem e a vida de Santa Tereza. No ano seguinte, em 1996, estabeleceu-se um forte movimento de resistência, principalmente no que se referia à inclusão do Santa Tereza no Plano Diretor como ZAP. A pressão do movimento culminou no estabelecimento da Área de Diretrizes Especiais (ADE) Santa Tereza.

A organização dos moradores em defesa de melhorias e de boa qualidade de vida pode ser percebida em outros momentos da história de Santa Tereza, como foi possível comprovar a partir de relatos de uma dessas pessoas. Em entrevista concedida ao Portal Santa Tereza Tem<sup>60</sup>, acompanhada pela autora, o senhor Virgílio de Abreu Martins Filho, com 96 anos de idade e 68 dos quais vivendo no bairro, relata reivindicações feitas pela Sociedade Pró Melhoramentos de Santa Tereza, da qual fez parte na década de 1960. Segundo Virgílio, o Mercado Distrital foi implantado no bairro a pedido da Sociedade ao prefeito Aminthas de Barros. O Colégio Tiradentes foi requerido ao governo estadual. Outros exemplos encontrados ao longo da pesquisa são a Associação Comunitária do Bairro de Santa Tereza, fundada em 1983, cujo primeiro presidente foi Mario Giuseppe Tedeschi e o atual é João Bosco; a Sociedade Amigos de Santa Tereza, fundada em 1991 pelo jornalista Luís Góes e um grupo de moradores do bairro; o

---

\_\_\_\_; SOARES, Carolina Pereira. Instrumentos de proteção do patrimônio cultural: um olhar sobre o caso do bairro Santa Tereza. In: ANDRADE, Luciana Teixeira de; ARROYO, Michele Abreu (Org.). Bairros Pericentrais de Belo Horizonte. Patrimônio, Territórios e Modos de Vida. 1ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

<sup>60</sup> “O Casal Virgílio e Edite, um pedaço da história de Santé”. Portal Santa Tereza Tem. Disponível em: <http://www.santaterezatem.com.br/casal-virgilio-e-edite-um-pedaco-da-historia-de-sante/> Acesso em: 19 mar. 2015.

Movimento Salve Santa Tereza, expressivo pela conquista junto ao poder público da inclusão do bairro como Área de Diretrizes Especiais (ADE) em 1996, na tentativa de conter o adensamento previsto pelo Plano Diretor; a Associação de Bares e Restaurantes de Santa Tereza, que congrega alguns estabelecimentos do setor.

### Particularidades do Bairro

Três características são frequentemente atribuídas ao bairro Santa Tereza em reportagens e matérias jornalísticas, trabalhos acadêmicos, no discurso oficial do poder público municipal e ainda no popular. O imaginário coletivo é constantemente reforçado com os termos *tradicional*, *cultural* e *boêmio* quando há algum tipo de referência ao bairro<sup>61</sup>. Sua história, paisagem, a maneira como os moradores interagem uns com os outros e fazem uso dos espaços do bairro funcionam como suportes bastante razoáveis para a atribuição dessas três características tidas como primordiais e de outras tantas delas derivadas ou relacionadas, além de serem base de manutenção do discurso sobre o bairro.

A matéria urbana forma-se pelo fio condutor da *opinião*, como transmissor de memórias, uma doxa urbana vagabunda, mutável, transportadora de pedaços, de recordações, tanto históricas, como pessoais, intimamente misturadas à escrita, à escuta, ao momento e aos costumes. (...) e a opinião, como já foi dito, se torna o elemento necessário desta operação de mistura pela qual chegam até nós as condensações dos tempos, essas dobras, esses *deslocamentos de nomes que provocam modificações sensíveis na percepção da cidade*. (CAUQUELIN, s/d apud BRESCIANI, 1991, p. 13, primeiro grifo da autora, segundo grifo meu.)<sup>62</sup>

Moradores de Belo Horizonte, não apenas os de Santa Tereza, constantemente reafirmam as características acima mencionadas através do discurso e buscam ainda intensificá-las ao viver experiências no bairro que possam ser descritas como tradicionais, boêmias ou culturais – frequência aos bares e botecos do bairro, aos eventos realizados na Praça Duque de Caxias, como shows gratuitos, carnaval e feiras gastronômicas, frequência às demais praças do bairro, ouvindo música, conversando e

<sup>61</sup> “Santa Tereza preserva o romantismo”, Veja Minas Gerais, 1989 “Santa Tereza, um dos grandes redutos da boemia seresteira de Belo Horizonte”, Estado de Minas, 1994; “Santa Tereza: Liverpool em BH”, O Tempo, 1997; “Moradores lutam por preservação do bairro – local tem vida cultural intensa e grandes artistas e Praça Duque de Caxias é marcada pela boemia”, O Tempo, 1998; “Pelos ruas de Santa Tereza – o bairro mais boêmio de Belo Horizonte”, Hoje em Dia, 1998; “Santa Tereza, 100 anos de amor e tradição”, Estado de Minas, 1998; “Santa Tereza reafirma a cada dia sua tradição notívaga”, O Tempo, 2001; “Santê: um roteiro etílico, gastronômico e cultural do bairro e arredores”, Estado de Minas, 2004; “Santa Tereza: reduto cultural de BH”, Estado de Minas, 2004.

<sup>62</sup> BRESCIANI, Stella Maria. As Sete Portas da Cidade. *Espaço e Debates*: Revista de estudos regionais e urbanos, São Paulo, n. 34, p. 10-15. Ano XI, 1991.

bebendo, numa clara demarcação do espaço público como local do encontro e da sociabilidade.<sup>63</sup>

Maria Eugênia, moradora do bairro há 15 anos, discorre um pouco sobre suas impressões:

É um bairro diferente, parece interior. É escuro, a luz é diferente... [...] Tem identidade, as pessoas têm identidade, são mais focadas no lado cultural. É um bairro cultural porque você convive com vários tipos de pessoas, tem o pessoal do teatro, do cinema. Olha pra você ver, hoje é segunda, isso aqui é uma mercearia, mas é um boteco!<sup>64</sup>

As memórias, sejam elas vivenciadas ou somente ouvidas e repassadas, ou ainda individuais, familiares ou coletivas, são transportadas e intrincadas de maneira tão complexa e profunda ao bairro, que a *opinião* das pessoas que mantêm as subjetividades do lugar é um dos principais elementos de percepção em Santa Tereza. (CAUQUELIN, s/d apud BRESCIANI, 1991).

É imprescindível investigar um pouco mais as características do bairro acima mencionadas e as práticas que lhes dão sustentação – *tradicional, cultural, boêmio*. Estão elas profundamente intrincadas à percepção dos sujeitos sobre o bairro e são partes do fundamento da valoração de Santa Tereza como patrimônio cultural da cidade de Belo Horizonte.

## REFERÊNCIAS

BAGGIO, Ulysses da Cunha. *A Luminosidade do Lugar: Circunscções Intersticiais do Uso de Espaço em Belo Horizonte: apropriação e territorialidade em Santa Tereza*. 2005. 221f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

BRESCIANI, Stella Maria (org.). *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

FIGUEIREDO, Betânia G.; MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline T. (orgs). *História da Saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri: Minha Editora, 2011.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história*. Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais. Belo Horizonte, 1997.

<sup>63</sup> Foram realizadas entrevistas com moradores do bairro e de outros, mas que frequentam o Santa Tereza, e conversas informais com pessoas nas ruas e bares durante as observações de campo.

<sup>64</sup> Maria Eugênia Silveira, moradora do bairro há 15 anos. Anotações de conversa em julho de 2015. A conversa aconteceu durante uma observação de campo e registros fotográficos no bairro Santa Tereza. Maria Eugênia e a irmã estavam passeando com seus cachorros e curiosas com a pesquisa iniciaram uma conversa sobre o bairro e a vida ali.

GARCIA, Luiz Henrique Assis. *Na esquina do mundo: trocas culturais na música popular brasileira através do Clube da Esquina (1960-1980)*. 2006. 288f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

GÓES, Luis. *Bairro de Santa Theresa: formação e história - 1900 a 1960*. Belo Horizonte: Editora Luis Góes, [s.d.]. 80 p.

GÓES, Luis. *Bairro de Santa Tereza, 100 anos*. Belo Horizonte: Editora Luis Góes, 1998.

GÓES, Luis. *BAIRRO SANTA TEREZA: Tradição e História*. Belo Horizonte: o autor (publicação independente), 2014

LIRA, J. T. C. Bairro. In: Christian Topalov; Stella Bresciani; Laurent Coudroy de Lille; Hélène Rivière D'Arc. (Org.). *A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades*. 1 ed. São Paulo: Romano Guerra, 2014, p. 85-100.

NEVES, Libério. *BH: A Cidade de Cada um: Santa Tereza*. Belo Horizonte: Conceito, 2010.

PEREIRA, Ana Beatriz Mascarenhas; TICLE, Maria Letícia Silva. Palimpsesto Urbano: camadas da paisagem cultural de Santa Tereza. In: *3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto*. Belo Horizonte: IEDS; MACPS; IPHAN, 2014.

POSSATO, Flávia Mosqueira. *Reconhecer para valorizar: Patrimônio Cultural do Bairro Santa Tereza*. 2009. 83f. Monografia (especialização) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira; CAJAZEIRO, Karime Gonçalves. A singularidade do lugar: a construção de um discurso identitário para o bairro Santa Tereza; SOARES, Carolina Pereira. Instrumentos de proteção do patrimônio cultural: um olhar sobre o caso do bairro Santa Tereza. In: ANDRADE, Luciana Teixeira de; ARROYO, Michele Abreu (Org.). *Bairros Pericentrais de Belo Horizonte. Patrimônio, Territórios e Modos de Vida*. 1 ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012.

TICLE, Maria Letícia Silva. Tombamento, Registro e Área de Diretrizes Especiais (ADE): instrumentos de políticas de preservação do patrimônio cultural - o Bolão e o bairro Santa Tereza, Belo Horizonte. *Anais...* In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS CULTURAIS*, 5, 2014. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.

WESTIN, Vera Lúcia Costa. *Santa Tereza na construção cotidiana da diferença*. 1998. 145f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.